

PEDRO GUIMARÃES, CM

A **COMUNICAÇÃO** DA **IGREJA** É UM **ENCONTRO**

A redescoberta da comunidade cristã como
lugar de encontro na sociedade da informação



APRESENTAÇÃO

O DIÁLOGO COMO PONTO DE ENCONTRO

A história conta-se resumidamente em poucas palavras e já quase todos a conhecem. Um sacerdote de meia-idade, com uma longa experiência para não perder tempo em atividades inúteis, vive atormentado com um problema para o qual não encontra fácil solução. Nas suas idas e vindas às aldeias, em França, ao acompanhar uma nobre família, apercebe-se que a grande maioria da população das zonas rurais passa fome e, como se não bastasse, a ser verdade o que se dizia na época, «estava irremediavelmente condenada porque desconhecia as verdades da fé».

No role dessa multidão faminta estavam pessoas próximas, amigos de longa data e até familiares. Era-lhe impossível fechar os olhos diante desta tragédia, mas, por mais que desejasse, tinha consciência de que sozinho não podia remediar esta situação. Nos seus diálogos com Deus, compreende a necessidade de formar uma grande equipa, uma nova família, capaz de abraçar esta nova realidade. Deveria ser constituída por mulheres e homens que, animados pela fé, desejassem «fazer o que fazia o Filho de Deus na terra». A motivação para o agir deste grupo deveria surgir da escuta assídua da Palavra de Deus. O diálogo entre o crente e o Senhor, a leitura dos acontecimentos, seriam fermento para o compromisso de um serviço consistente em favor dos famintos.

O padre sentou-se à mesa dos pobres e dos ricos. Confidenciou-lhes esta preocupação. Não podemos permanecer alheados, disseram uns e outros. E dialogaram

demoradamente sobre o mesmo propósito: como anunciar a Boa Nova a todos, em especial aos que ficaram para trás? Como alimentá-los com Pão e Esperança? E, aos poucos, o que parecia ser um sonho inalcançável começa a ganhar corpo.

O nascimento da congregação para a missão tem como objetivo fortalecer a relação entre Deus e o homem, e os homens entre si. Proporcionar a todos, mas em especial aos mais desfavorecidos, espaços de encontro nos quais é possível a experiência gratificante da salvação terrena, sinal daquela que havia de vir. Assim, a fé vale a pena na medida em que se torna o motor da esperança para uma história com sentido. As antigas promessas do Reino de Deus anunciadas pelo Mestre da Galileia concretizam-se. A encarnação atualiza-se em cada recanto de uma aldeia, vila ou cidade, onde a proposta é acolhida e assumida.

Ao longo dos séculos, os apaixonados de Deus redescobriram novas formas de anunciar o Evangelho. Os protagonistas de hoje, em fidelidade ao chamamento que receberam, são desafiados a recriarem estratégias, como quem tira «do seu depósito coisas novas e coisas velhas», para que a proposta do reino seja conhecida.

Assim, quando lemos o texto do Pe. Pedro Guimarães percebemos que o mesmo propósito se mantém: multiplicar os lugares de encontro para que, através da relação dialógica, o amor de Deus se torne acessível a todos; promover um modelo da participação horizontal, meio indispensável para construção de uma comunidade sinodal; fortalecer, enfim, a cultura do encontro no seio da Igreja.

No remoto século XVII, São Vicente de Paulo não estaria longe das aspirações do atual Papa Francisco, como sublinha o autor do presente livro. O objetivo da comunicação na Igreja é encetar um «diálogo que coloca os membros

mais frágeis no centro do seu magistério, deste corpo que é a Igreja: traz a periferia para o centro e coloca a fragilidade humana no centro da ação eclesial».

A presente reflexão é um contributo de inquestionável valor para todos aqueles que pretendem compreender e operacionalizar as estratégias de comunicação inclusiva no seio das nossas comunidades eclesiais. Sem comunicação efetiva e afetiva não há comunidade, e sem comunidade não é possível a vivência da experiência cristã em momentos concretos como a Eucaristia.

No coração da mensagem cristã está a certeza de um Deus que, por amor, vem ao nosso encontro. Fazer da Igreja o lugar onde o encontro não é apenas um acontecimento provisório, um acaso passageiro, mas um modo de ser, onde o outro é respeitado, é o desafio para todos os agentes pastorais. E cada encontro exige de nós o domínio da arte de comunicar.

Pe. Nélcio Pita, CM

ÍNDICE

PREFÁCIO 7

**APRESENTAÇÃO – O DIÁLOGO
COMO PONTO DE ENCONTRO** 13

INTRODUÇÃO 17

I CAPÍTULO A CULTURA DO ENCONTRO COMO REGRESSO AO ESSENCIAL

1.1. O convite ao encontro com Cristo 24

**1.2. O encontro com Cristo A partir
das comunidades primitivas** 30

1.2.1. Os Evangelhos, um Encontro
como comunicação concreta. 32

1.2.2. Os Atos dos Apóstolos, um Encontro
como comunicação dinâmica 37

1.2.3. São Paulo, um Encontro
como comunicação global. 42

**1.3. As características constitutivas
do Encontro à luz da Palavra
de Deus no Novo Testamento** 46

1.3.1. O Encontro é a vida de Deus
que se nos comunica (Ontologia) 48

1.3.2. O Encontro é encarnação da Fé
(Morfologia)..... 50

1.3.3. O Encontro é um caminho
na relação (Antropologia) 52

1.3.4. O Encontro é um “saber habitar”
os instrumentos à nossa disposição
(Fenomenologia) 54

1.3.5. O Encontro é uma realidade
escatológica 57

II CAPÍTULO

O DESENCONTRO NOS NOSSOS DIAS

2.1. Uma mudança de época com história: a análise a partir das Mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais	66
2.1.1. O Concílio Vaticano II, o ponto de partida.	66
2.1.2. Paulo VI, entre a superação do Tempo e do Espaço	70
2.1.3. João Paulo II, ao Encontro do Homem e do Areópago do tempo moderno.	72
2.1.4. Bento XVI: a era digital, um novo continente a evangelizar.	79
2.1.5. Francisco e a Cultura do Encontro na época da sociedade digital	81
2.2. Sociedade digital, lugar de encontro	85
2.2.1. Globalização: «Ides receber uma força do alto e sereis minhas testemunhas até aos confins do mundo» (At 1,8)	87
2.2.2. Tempo e Espaço: «Era por volta da hora sexta» (Jo 4,6; 19,13-14)	90
2.2.3. Pessoa: «Levanta-te, toma a tua enxerga e anda» (Jo 5,8)	94
2.2.4. Família: «E Jesus crescia em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens» (Lc 2,52)	97
2.2.5. Sociedade: «Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua vida?» (Mc 8,36)	99
2.2.6. Igreja, Corpo de Cristo: «Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho» (Lc 24,32)	103

III CAPÍTULO

UMA COMUNIDADE COMUNICATIVA

3.1. Do «informar o que fazemos»	
ao «comunicar o que somos»	108
3.1.1. A identidade essencial.	108
3.1.2. O Corpo articulado.	110
3.1.3. O projeto como caminho	113
3.2. A renovação da linguagem	
como relação	118
3.2.1. Entre tradição e novidade.	120
3.2.2. Um estilo narrativo-histórico	126
3.3. Uma atenção especial	129
3.3.1. A formação, uma exigência	130
3.3.2. A juventude, uma prioridade	133
3.3.3. Habitar lugares comuns	136
3.3.3.1. <i>A peregrinação</i>	137
3.3.3.2. <i>A fragilidade</i>	138
3.3.3.3. <i>O desporto</i>	139
3.3.3.4. <i>A cultura digital</i>	141
 CONCLUSÃO	 143
 POSFÁCIO	 147
 BIBLIOGRAFIA	 153